

“Estranha o meu inesperado correspondente que o meu modesto livro fuja à questão de amor; não seja ela o eixo do livro. Mas, caro senhor, essa questão nunca foi primordial no romance.

Nem nos antigos, nem nos modernos. Nem nos franceses, nem nos espanhóis. Se o senhor me cita *Dáfnis e Cloé*, eu cito o *Satiricon*; se o senhor me cita a *Princesse de Cleves*, eu lhe apresento *Lazarrillo de Tormes*.

Nos grandes mestres modernos, Balzac, Tolstói, Turgue-
nieff, Dostoiévski, quase sempre o amor é levado para o se-
gundo plano; e essa sua generalização de que o primordial do
romance, e seu característico, por assim dizer, é tratar de aven-
tura de amor, é tão verdadeira e necessária como aquela regra
das três unidades, em matéria de drama e tragédia, de que os
críticos antigos faziam tanta questão, citando Aristóteles, que
nunca a tinha estabelecido.

Parece-me que o nosso dever de escritores sinceros e ho-
nestos é deixar de lado todas as velhas regras, toda a disciplina
exterior dos gêneros e aproveitar de cada um deles o que puder
e procurar, conforme a inspiração própria, para tentar reformar
certas usanças, sugerir dúvidas, levantar julgamentos adormecidos,
difundir as nossas grandes e altas emoções em face
do mundo e do sofrimento dos homens, para soldar, ligar
a humanidade em uma maior, em que caibam todas, pela reve-
lação das almas individuais e do que elas têm de comum e
dependente entre si.

A literatura do nosso tempo vem sendo isso nas suas maio-
res manifestações e possa ela realizar, pela virtude da forma,
não mais a tal beleza perfeita da falecida Grécia, que já foi
realizada; não mais a exaltação do amor que nunca esteve a
perecer; mas a comunhão dos homens de todas as raças e clas-
ses, fazendo que todos se compreendam, na infinita dor de
serem homens, e se entendam sob o açoite da vida, para maior
glória e perfeição da humanidade.”

(Amplius, in *Histórias e Sonhos*, 31/8/1916)

“O único romancista de valor, o único romancista verda-
deiro e que é um dos grandes homens deste País, não faz parte
da Academia: é Lima Barreto.”

(Antônio Torres)

Rua da Conceição. Era um bar como os outros da época.
Duas portinhas, um balcão, duas mesinhas com duas cadeiras
cada uma a um metro e pouco do balcão. Um prateleiras
com garrafas e, por detrás delas, uma espécie de depósito de
caixas de garrafas. E, no fundo, uma área de clarabóia e uma
instalação sanitária — tanque, pia, torneira. Era o típico bar
de portinha, anônimo, casa antiga de dois andares, o térreo
e o sobrado, resultante da divisão de casa de muito maior
frente, assobradada, no estilo colonial. Teria sido, no passado,
um armazém, um depósito de mercadorias e posteriormente se
transformara em loja e residência caracterizadas por duas por-
tas (a loja) e uma porta e escada de dois lances, dando acesso
à residência no sobrado.

Na época dos trajetos de Lima, essas residências já tinham
sido transformadas em escritórios de advogados, despachantes
e agentes comerciais, costureiras, *ateliers* de pintores de letreiros
e nada mais havia de interessante para se destacar. Lima não
demorava, a esta altura estava acompanhado de uns três-qua-
tro amigos e ali, na Rua da Conceição, tomava uma talagada
de parati, coisa barata, uns quinhentos réis (havia bondes de
cem réis e de um tostão). Os pontos dos bondes eram muito
espaçados, o que vinha desde os tempos dos bondes de burros.
Para cada ponto, o preço ficava na média de um tostão. Lima
seguia para o próximo ponto, sua parada em um bar da Rua
José Maurício.

“Via o major com tristeza não existir naquela gente humil-
de sentimento de solidariedade, de apoio mútuo. Não se asso-
ciavam para coisa alguma e viviam separados, isolados, em
famílias geralmente irregulares, sem sentir a necessidade de
união para o trabalho da terra. Entretanto, tinham bem perto